

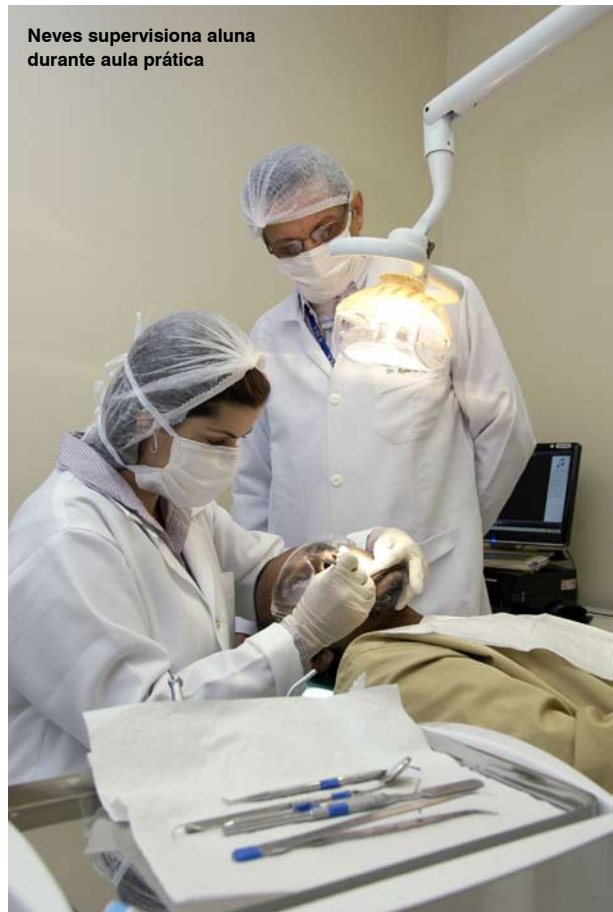
educação

PROJETO CAPACITA DENTISTAS DO INTERIOR DO RIO PARA ATENDER PACIENTES COM CÂNCER E DESCENTRALIZAR ATENÇÃO À SAÚDE BUCAL

Sorriso saudável

A saúde bucal dos brasileiros está melhorando. A conclusão é da Pesquisa Nacional de Saúde Bucal de 2010, realizada pelo Ministério da Saúde, que revelou a redução em 30% na prevalência de cáries e o aumento em 70% no número de dentes tratados entre os adultos, levando o Brasil a ser classificado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como um país com baixa prevalência de cárie. No entanto, o tratamento odontológico de pacientes com câncer ainda sofre com a falta de profissionais especializados. A principal lacuna diz respeito à atenção à saúde bucal de pacientes com neoplasias de cabeça e pescoço, que requerem atendimento especial, principalmente depois de submetidos a sessões de radioterapia.

Cirurgião-dentista do Hospital do Câncer I (HC I), do Instituto Nacional de Câncer (INCA), Roberto Neves explica que pacientes com câncer de cabeça e pescoço necessitam de cuidados especiais em relação à saúde bucal, independentemente de o tumor ser neurológico, oftalmológico ou oral. “Entre os pacientes submetidos à quimioterapia e à radioterapia é comum o aumento da incidência de cáries, por conta da baixa quantidade de saliva, fluido responsável por proteger a boca e os dentes da ação das bactérias. Além disso, por receber radiação nos ossos maxilares, o paciente deve permanecer sob acompanhamento odontológico contínuo, para ad-



Neves supervisiona aluna durante aula prática

ministrar possíveis sequelas, como maior propensão ao desenvolvimento de cárie e/ou osteorradionecrose, quando os tecidos moles que recobrem os ossos da cavidade bucal são rompidos, deixando-os à mostra”, esclarece.

Neves ressalta que a capacitação de dentistas em Oncologia é fundamental para minimizar danos. “O tratamento de radioterapia de altas doses na região de cabeça e pescoço pode deixar sequelas graves. Nesses pacientes, uma simples extração dentária pode levar à mutilação da mandíbula”, explica o especialista.

Visando preencher essa lacuna, a Seção de Odontologia do INCA, em parceria com o Governo Federal, por meio do Programa Brasil Sorridente,

“O objetivo é tratar esses pacientes em suas próprias cidades, sem necessidade de deslocamento para a capital”

ROBERTO NEVES, cirurgião-dentista

da Secretaria de Saúde do Estado do Rio de Janeiro e de seis municípios fluminenses, elaborou projeto piloto com o objetivo de capacitar dentistas do interior do Estado para o atendimento especializado a esses pacientes.

A iniciativa teve início em abril, com a abertura das duas primeiras turmas do Curso de Aperfeiçoamento de Odontologia em Oncologia. “O objetivo é descentralizar a atenção à saúde bucal e tratar esses pacientes em suas próprias cidades, sem necessidade de deslocamento para a capital”, resume Neves, idealizador do projeto. A expectativa é que, no futuro, seja criada uma rede odontológica de atendimento ao paciente com câncer, nos mesmos moldes, em todo o país. Por isso, um dos pré-requisitos para a participação no curso é que os alunos estejam vinculados a um hospital público ou a instituições filantrópicas conveniadas ao Sistema Único de Saúde (SUS).

Estruturado sobre três bases – a área técnica, sob a responsabilidade de Neves; o suporte pedagógico, em parceria com a Coordenação de Educação e Divulgação Científica do INCA; e o apoio do governo estadual, responsável por analisar as necessidades dos municípios –, o Curso de Aperfeiçoamento de Odontologia em Oncologia atualmente conta com oito alunos dos municípios de Volta Redonda, Campos dos Goytacazes, Itaperuna, Niterói, Petrópolis e Nova Iguaçu.

Mara Cristina Demier Freire Ribeiro, assessora da Superintendência de Atenção Básica do Estado do Rio de Janeiro, explica que o câncer de cabeça e pescoço requer muita atenção. Por isso, para

serem credenciados, os Centros de Especialidade Odontológica (CEO) – no país são 859 unidades em funcionamento –, ligados ao Programa Brasil Sorridente, precisam ter, pelo menos, um estomatologista, dentista especialista em prevenir, diagnosticar e acompanhar o paciente com câncer de boca, antes, durante e após o tratamento. “Como no Rio de Janeiro temos o INCA, procuramos o Roberto Neves, que tinha esse projeto de qualificar dentistas do interior do estado”, revela. Com a formação de núcleos em outros municípios do estado e o suporte do INCA, o aluno capacitado se torna um multiplicador. “Queremos descentralizar o tratamento, para que esse tipo de atendimento não seja exclusividade da capital”, pondera Maria Cristina.

Antes de colocar o projeto piloto em prática, a equipe responsável fez o mapeamento dos municípios sem acesso à atenção à saúde bucal para pacientes com câncer. As cidades selecionadas contam com instituições de saúde que oferecem tratamento de quimioterapia e radioterapia para portadores de neoplasias de cabeça e pescoço.

A dentista Fernanda Luna, que atua em Campos dos Goytacazes (no Norte do RJ), embora já tenha alguma experiência com portadores de neoplasias, acredita que, após o aperfeiçoamento, ficará mais segura ao lidar com esses pacientes. “Os profissionais da Odontologia não têm vivência em cancerologia. Então, é uma área carente de pessoal especializado, uma área que ainda estamos descobrindo. Após o curso, estaremos capacitados para tratar esses pacientes, sem medo, sem dúvida. E além disso, teremos acesso e uma linha direta com o INCA”, ressalta.

Para a dentista Nilza Martins Silva, que trabalha há 24 anos na Fundação Municipal de Saúde de Niterói (região metropolitana do RJ), a proposta vai facilitar a vida do paciente, já que o tratamento vai ficar mais próximo dele. Marcos Mendes, aluno da segunda turma e que atende há um ano num hospital estadual em Itaperuna (Noroeste fluminense) conta que, assim que soube do curso, quis fazê-lo. “É uma área que me interessa”, diz.

Roberto Neves revela que, apesar de existir um curso de residência multiprofissional em Oncologia no INCA, no qual os cirurgiões-dentistas estão contemplados, não há garantias de que o profissional formado vá atuar na rede pública, porque, segundo Neves, nem todos têm vínculo com alguma instituição pública. “A formação completa deve unir teoria e prática. Daí a ideia de desenvolver esse projeto piloto”, finaliza. ■